



**Revista de Estudos Curriculares, n.º 12, vol. 1, 2021**  
**Currículo, Educação e Cidadania Global Criativa [número temático]**

**CIDADANIA CRIATIVA, PESSOAS, CURRÍCULO: INTERSEÇÕES COM LUGARES +EDUCAÇÃO**

*Isabel C. Viana*<sup>1</sup>

*PROFESSORA AUXILIAR, INVESTIGADORA INTEGRADA CIEC, UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL*

**RESUMO**

O reconhecimento da educação e cidadania global criativa como processo de aprendizagem transformadora no mundo globalizado, com foco no local, no país e no mundo, preenche o ideário da política pública de diversos países. Integra uma visão emancipatória do diálogo intercultural à escala da pessoa e do grupo/coletivo e afirma a condição da diversidade cultural como bem público e direito humano fundamental. Traz uma interpretação das cidades, dos territórios, como humanos, como lugares das pessoas, onde se pensa e debate o diálogo intercultural nas formas para construir soluções que possam responder a desafios de importância *glocal*, substantivadas numa escuta sensível. Pois, a partir da capacidade de escuta sensível das preocupações das pessoas, onde sabemos evidenciarem-se preocupações como a violência e o conflito, a discriminação e a desigualdade, é que se desenvolve o interesse em restabelecer a confiança, libertar o medo e contribuir para a construção de uma cultura de paz. Neste artigo, sustentado no experiencial vivido, que organiza uma experiência educativa alicerçada em princípios da investigação-ação participativa, dar-se-á particular atenção às comunidades sustentáveis e inclusivas, entendidas como lugares +educação que valorizam as pessoas, onde os sentidos estão ativos, com sinergia na cidadania global criativa. É uma reflexão que surge com o propósito de envolver os leitores e instigar ao desenvolvimento de soluções criativas e concretas para questões de importância *glocal*, muito substantivadas na valorização do currículo local. Pautadas pela transversalidade, desenhadas em cocriação e exploradas pela curiosidade

---

<sup>1</sup> icviana@ie.uminho.pt, membro integrado do CIEC.

Este trabalho foi apoiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, IP, no âmbito do projeto “BO(U)NDS – Laços, Limites e Violência: Estudo Longitudinal de Programas de Prevenção da Violência de Género em Contexto Escolar” (ref.ª PTDC/SOC-ASO/31027/2017). Foi ainda apoiado pela FCT no âmbito dos projetos dos seguintes centros de investigação: CIIE (UIDB/00167/2020 e UIDP/00167/2020); CIEG (UIDB/04304/2020 e UIDP/04304/2020); CIEC (UIDB/00317/2020 e UIDP/00167/2020) e foi também apoiado pela FCT no âmbito do projeto da seguinte Associação: União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR).

praxeológica, o pensamento crítico, com base em *temas urbanos*, temas dos lugares, conectados com o meio, com as pessoas e as culturas que as ligam.

Palavras-chave: Cidades/Territórios Humanos; Currículo Local; Diálogo Intercultural; Cidadania Global Criativa; Investigação-Ação Participativa.

### **Introdução**

Esta proposta tem como principal interesse valorizar a cidadania global criativa como uma realidade construída com e pelas pessoas nos territórios de hoje e amanhã, instigando ao desenvolvimento de uma cultura de sustentabilidade. Com base neste interesse, perspetiva-se que, conectar territórios e pessoas pela educação, possibilita que sejam mais críticas, felizes, saudáveis e seguras, considerando aspetos educativos/culturais e atitudinais que fornecem formas capazes de melhorar a qualidade de vida das pessoas (Viana, 2015a). Expressa-se a cidadania como um processo inclusivo, exequível, seguro e com positivo impacto transformador na qualidade do ambiente humano das cidades/territórios. É um processo inclusivo que, se com recurso à Educação alavancada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação para todos os utilizadores implicados, entendo sair beneficiado e capaz de criar melhor ambiente para aprender, participar, trabalhar colaborativamente e envolver criticamente (Viana, Machado & Serrano, 2015). Fortalece-se através de mecanismos sociotecnológicos inclusivos, que valorizam a cooperação entre instituições e serviços, os espaços públicos e privados e as pessoas, contribuindo para o desenvolvimento e a dignidade da condição de vida das pessoas, respondendo, diariamente, às suas necessidades e interesses (Viana, 2018). A cidadania global criativa amplia-se na capacitação das pessoas para a transformação pela educação, através de ações de sensibilização e experimentação que potenciem capacidades individuais/coletivas e reforcem novas formas e lugares de aprendizagem e apropriação de conhecimento. Neste cenário, a criatividade e experimentação, a partir da voz da realidade, as pessoas, surgem com interesse em projetar os direitos do cidadão e a valorização do território, do local (Viana, 2015), com marca distintiva de democracia e valorização pessoal.

É de destacar que, na minha convicção, a cidadania global criativa, se perspetivada por uma metodologia alicerçada em pressupostos de investigação-ação participativa, realiza-se a partir de um diálogo de proximidade entre investigação e ação. Este diálogo pode possibilitar alcançar um impacto significativo na aprendizagem pessoal e profissional, com interesse em melhorar a qualidade de vida, apoiar a transição de estilos de vida, a partir da aprendizagem/educação explorados no espaço vida. É consensual, entre investigadores, que a investigação-ação participativa se baseia em princípios de justiça e democracia, no direito de todas as pessoas terem voz e serem ouvidas, no direito de cada pessoa revelar como melhora o seu trabalho. A investigação-ação participativa aprofunda a necessidade de experimentarmos a autenticidade e a estética nas dimensões pessoal e profissional (McNiff, 2008). Encoraja ao

desenvolvimento de aprendizagens secundárias (potenciadoras do desenvolvimento do pensamento crítico), instiga à descoberta pelo próprio, de forma a que possa decidir sobre o que é mais significativo e o mais apropriado à sua situação, sustenta-se na reflexão crítica dinâmica sobre o que nos rodeia e realizamos. Entendo que constitui um selo de autenticidade para o envolvimento com as questões de importância *glocal* do nosso tempo, que identifico como máxima de cidadania global criativa.

A reflexão aqui partilhada desenvolve-se, essencialmente, em torno de dois eixos estruturantes: *Cidadania Criativa e os Lugares +Educação* e *Cidadania Criativa e o Currículo*, com propósito principal de propor a exploração das ideias e o debate pelos leitores.

### **1. Cidadania Criativa e os Lugares +Educação**

A cidadania criativa pode ser entendida como a forma de considerar atos criativos diários, podem gerar envolvimento da comunidade, embora se foquem no indivíduo, vão para além das abordagens individuais. Hargreaves e Hartley (2016) evocam a noção de cidadania criativa como uma forma de compreender o potencial dos atos de criatividade para indivíduos e comunidades em contextos sociopolíticos específicos. Para os autores, as formas criativas de cidadania são frequentemente associadas a uma série de fenómenos que variam do ativismo cultural e da participação na esfera pública aos atos diários de criatividade. Por seu turno, a educação é uma dimensão sustentável, como refere a UNESCO (2017), a educação deve estar ao serviço das comunidades, do planeta, das pessoas, com propósito de criar futuros sustentáveis para todos. Como já nos habituamos a escutar, os sistemas educativos devem fomentar estilos de vida sustentáveis, podendo, para tal, aprender muito a partir das comunidades locais, respeitando as culturas locais e os sistemas de conhecimento plural, desenvolvendo uma educação sustentada no local. Esta é uma abordagem que considera a localização geográfica da escola como contexto de aprendizagem, com interesse em desenvolver nos estudantes o envolvimento crítico, o gosto pelo seu ambiente, pelo lugar onde vivem, pela sua história social, pela biodiversidade que aí existe e pela forma como as pessoas responderam e continuam a responder aos seus ambientes naturais e sociais (Ministério de Educação da Nova Zelândia, 2021). Como julgo consensual, a educação mantém e amplia a qualificação das pessoas, acredito ter impacto na redução da pobreza, que pode articular com as necessidades do mercado de trabalho e perspetiva-se que desenvolva competências múltiplas. A proposta *+lugares educação* ambiciona uma educação que contribua para reduzir as desigualdades nos territórios humanos ao dotar as pessoas de competências fundamentais ao seu desenvolvimento plural, por forma a participarem ativamente, e de forma evolutiva, na cidadania, na vida, no próprio projeto de vida. De acordo com Carr, Thésée e Bailón (2019), no entendimento de que a educação é necessária para desenvolver o envolvimento crítico, a participação e a conscientização. Para alcançar uma democracia significativa torna-se necessário

conectar, diagnosticar, desconstruir e problematizar o racismo, o meio ambiente e muitos outros temas transversais, por exemplo, a equidade, a alteridade, a igualdade de género, a guerra e a paz, a pobreza e o desenvolvimento global. Neste âmbito, a escola pública assume um papel fundamental para nos conhecermos e aprendermos a trabalhar juntos, a viver juntos, para o que precisa de aprender a ser mais um espaço local e não cada vez mais global. À medida que se desenvolve precisa de saber reescrever estratégias e percursos capazes de enfrentar desafios, explorar oportunidades e compreender o melhor possível as dinâmicas sociais que a rodeiam.

## 2. Cidadania Criativa e o Currículo

Hoje, muito sustentado nas experiências que o estado de pandemia gerou, os Sistemas Educativos são convidados a refletirem sobre se o currículo que têm serve o propósito educativo, se é o que querem, se é um currículo que está próximo das famílias, dos estudantes, da comunidade. Convida a pensar o uso do tempo escolar, a dialogar em torno da aprendizagem dentro da escola. Perspetiva-se a capacitação dos professores orientada para valorizar o aprenderem juntos, partilhando êxitos e problemas, o que requer que a escola se organize para isso. Ambiciona-se um Sistema Educativo mais criativo e inclusivo, capaz de integrar todos, cada educando é importante por si, como refere a UNESCO (2020), contextualização e personalização, personalizar a diversidade e a universalidade são coisas que caminham juntas, é necessário um currículo que conecte todos. Criar e mobilizar conhecimento, universalizá-lo, democratizar as oportunidades, participar ativamente no seu progresso, na aprendizagem ao longo da vida, pensar na pedagogia e na escola aberta a toda a sociedade. É importante aprender com que tecnologia se pode ensinar, sem esquecer as crianças com necessidades educativas especiais, trabalho em grupo e o apoio dos pais/encarregados de educação. É importante recuperar a confiança na capacidade de aprender, promover a aprendizagem autónoma e a autorregulação, num ambiente de confiança, de intercâmbio de boas práticas entre professores e que a autonomia seja uma parte ativa na aprendizagem. Aprender a lidar com a equidade, o entendimento e a desenvolver formas de abordar os medos e as incertezas. É importante não esquecer que as escolas são lugares estratégicos onde podemos promover uma cultura livre de violência, a saúde e o bem-estar de todos e de cada um. O que impõe urgente ressignificar o sentido da educação, valorizar as pessoas, trabalhar os direitos humanos, desenvolver uma educação coerente com os direitos humanos, a democracia, a justiça.

Em Portugal, como configura a *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania* (GTEC, 2017, p.1), *a educação e a formação são alicerces fundamentais para o futuro das pessoas e do país. As questões relacionadas com a sustentabilidade, a interculturalidade, a igualdade, a identidade, a participação na vida democrática, a inovação e a criatividade estão, de facto, no cerne do debate atual.* A Escola é lugar e tempo privilegiados de aprendizagem e

desenvolvimento de competências, pois, são muitas as horas por dia que as crianças e jovens portugueses passam na escola. Sabemos o quanto a escola pode permitir promover valores e atitudes valiosas para dotar as pessoas com *know-how* que lhes possibilite interagir, de forma inclusiva e plural, umas com as outras e com os desafios sociais atuais, tirando vantagem de poderem tomar decisão de forma informada e conscientizada, uma oportunidade para aprender a exercer e emancipar a cidadania crítica democrática. Neste âmbito, também é importante destacar o que a UNESCO (2019) divulga na sua página oficial relativamente ao ODS 4.7, *aprender a viver juntos de forma sustentável, tendências e progresso*, com preocupação em contribuir para compreender como o mundo progride para alcançar aquele propósito integrado no ODS 4, *Educação*, que se concentra na Educação para a Cidadania Global e na Educação para o Desenvolvimento Sustentável. O ODS 4.7, até 2030, propõe *garantir que todos os estudantes, através da educação, adquiram o conhecimento e as habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, incluindo, entre outros, estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de género, promoção de uma cultura de paz e não-violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável*. Construir a cidadania global criativa a partir do local é uma oportunidade estratégica para melhorar a interação entre as pessoas, o envolvimento destas com as questões do seu tempo e lugar, o diálogo intercultural, que sabemos fundamentais para a construção da paz em cada comunidade, em cada lugar do mundo. Todos os lugares são feitos de memórias com história e tradição, mas também de vontade, atualidade e transformação.

Criatividade e cidadania global, como refere Glăveanu (2020), são duas noções que se tornaram muito populares, têm associações muito positivas e são entendidas como a ser trabalhadas, em particular, na Educação, configuradas por abordagens críticas da Educação. Como sublinha o autor, há poucos estudos que exploram a relação entre criatividade e cidadania global, deixando em aberto a questão teórica sobre o que a criatividade e a cidadania global têm em comum e por que a criatividade tem de contribuir para a Educação para a Cidadania Global. Glăveanu (2020, p. 192) discute esta questão defendendo uma estrutura sociocultural que se perfile por um conjunto de valores, refere: “(...) que coloque a abertura de espírito; o diálogo, a ética e a participação no centro da educação para a criatividade e a cidadania global”. Sustenta a sua reflexão em cinco princípios que considera fundamentais para explorar os dois constructos, são eles: descobrir diferenças; valorizar a multiplicidade; promoção do diálogo; aumentar a participação; e agir com ética. A cidadania global surge muito associada à consciência global, deriva de vivências em diversas sociedades, propicia assumir um padrão normativo e prescritivo dentro da escola, correndo o risco de ampliar a desigualdade e fomentar divisões sociais (Glăveanu, 2020). À criatividade associa-se um potencial capaz de gerar um valor económico elevado, veja-se, por exemplo, o fenómeno das indústrias criativas, das cidades criativas, muito valorizadas

há um tempo a esta parte. A rede de cidades criativas é um projeto criado pela UNESCO em 2004, com o propósito de *promover a cooperação entre as cidades que reconhecem a criatividade como um fator importante no seu desenvolvimento urbano, nos aspetos económicos, sociais, culturais e ambientais*.

O Relatório Eurydice (2017), *Educação para a Cidadania nas Escolas na Europa – 2017*, oferece um amplo estudo sobre políticas nacionais relativas à educação para a cidadania nas escolas da Europa. O relatório dá a conhecer que, mesmo considerando haver progresso nos últimos anos, um número significativo de países, quase metade, ainda não possui regulamentos/recomendações sobre o desenvolvimento de competências em educação para a cidadania, de futuros professores, por meio da formação inicial. Em Portugal, o *referencial de Cidadania e Desenvolvimento* assume a cidadania e desenvolvimento como um espaço curricular privilegiado para o progresso de aprendizagens com impacto na atitude cívica individual, no relacionamento interpessoal e no relacionamento social e intercultural. Em Portugal, a componente de *Cidadania e Desenvolvimento* no currículo, configurada pelo Decreto-Lei 55/2018, em linha com o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, refere as áreas a trabalhar na formação do cidadão. Segundo o Secretário de Estado da Educação, João Costa (2019, p. 17), trata-se de uma área de importância universal que compete à escola trabalhar:

A opção pela reintrodução desta componente no currículo – que era opcional – corresponde à assunção plena de que temas como a sustentabilidade, a educação ambiental, os direitos humanos, as instituições democráticas, a igualdade de género, a literacia financeira, o risco, entre outros, são temas que compete à escola trabalhar. A Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania convida as escolas a trabalhar esta componente de forma prática, recorrendo a parcerias com a sociedade civil, para que estas temáticas se convertam em práticas reflexíveis, críticas e em vivências efetivas.

Para um propósito autêntico de cidadania, que possibilite compreender se a educação é equitativa e inclusiva, capaz de facilitar o empoderamento social, julgo importante que seja construída em torno do questionamento contínuo sobre o que está a acontecer à nossa volta, por quê, como se pode resolver. Parece-me fundamental que a escola aprenda a criar o debate na educação, a escutar os professores, os alunos e as famílias, por forma a ser possível construir a confiança, gerar um envolvimento crítico efetivo com o conhecimento, o ensino e aprendizagem de qualidade, com o desígnio de respeito pelos direitos humanos. Como refere Nóvoa (2021), hoje, é importante um compromisso mundial com a escola pública, onde a inclusão esteja no foco, que valorize a educação presencial e não a troque por uma educação ubíqua.

É importante uma outra organização do tempo e dos lugares da escola para a proteger, como afirma Nóvoa (2021), proteger a escola é transformá-la, é mudar a sua forma de se organizar. No entanto, sabemos que a mudança se faz com vontade de mudar, mas requer que possamos descobrir formas de compreender as divergências e de criar entendimento, para ser possível viver bem uns com os outros. A escola é um espaço local, mais do que global, e assume um papel importante na aprendizagem de um sentimento de pertença coletiva, condição principal para nos conhecermos e aprendermos a viver juntos e a trabalhar juntos. Há muito que sabemos que é de uma educação com significado que necessitamos, uma educação interconectada com o espaço vida, que nos possibilite utilizar o que aprendemos, que nos possibilite explorar, saber comunicar, que instigue à curiosidade. Esta realidade, muito complexa em tempo de pandemia, mais por aquilo que não consegue alcançar, tem motivado muitas “visões futuristas sobre o currículo”, convidando-nos a questionar sobre o que aprendemos com a pandemia e quais as perspectivas que avançamos para o futuro. É consensual que é necessário ressignificar o currículo, torná-lo mais capaz de responder à diversidade, para o que se entende necessitar de ser flexível e inclusivo. Opertti (2021), na sua visão futurista de currículo, destaca que é surpreendente, e muito positivo para uma aprendizagem com sentido, observar os pontos comuns entre professores e estudantes, o diálogo, currículos inclusivos e participatórios, pois, os sistemas educativos do mundo têm de trabalhar para o seu benefício e para o das comunidades, promovendo práticas de diálogo abertas e colocando o enfoque nas pessoas. Opertti (2021, p. 4) sublinha que ressignificar o currículo é essencial, uma vez que ele é o núcleo para que a mudança se efetive, refere: “O currículo é indubitavelmente o núcleo para tornar efetivas as aspirações e ideais sociais sobre o por quê, o quê, como, quando e onde o ensino, a aprendizagem e a avaliação”. A fim de tornar compreensível a ressignificação do currículo, condição para atingir o ser autêntica, o autor (2021) avança dez pistas interconectadas, são elas: compreender as novas gerações; combater os fatores relacionados com a vulnerabilidade; reforçar o entendimento entre a escola e as famílias; aprofundar a educação *glocal*; aumentar o enfoque na pessoa; promover sinergias entre valores; valorizar a diversidade; apostar numa educação que valoriza a liberdade; avançar com formas híbridas na educação; e inspirar afeto pelos educadores. O autor também acentua que é importante ressignificar o currículo a partir de uma visão renovada da educação, sublinhando que não é possível atingir a transformação sem esta visão.

Com base neste entendimento, para que a transformação da escola, a ressignificação do currículo, seja uma realidade para as pessoas, é necessário confiar nos professores, nos profissionais de educação, todos sabemos que só quando há confiança é que nos envolvemos criticamente; é necessário escutar os professores, os estudantes e as famílias; conhecer as condições de trabalho e de partilha de uns e outros; haver bom senso na tomada de decisão; e boa vontade.

### Considerações finais

Nesta breve partilha de ideias, revelo perspectivas e preocupações que gravitam em torno do lugar e tempo da Cidadania Global Criativa no Currículo, na consideração de que o discurso pedagógico, a educação, não são reféns de uma abordagem estritamente científica, antes um espaço plural, transversal, multidisciplinar, onde participam múltiplos domínios, hoje, com enfoque valorizado nas neurociências. O fascínio pelo conhecimento do cérebro em movimento, que nos possibilita sermos únicos, percorre muitos caminhos, desde o valor da neuroplasticidade à formação da consciência. Esta última apresentada por Damásio (2020) como complexa, formada a partir da interdependência do ser, sentir e saber. O autor diz-nos que é preciso compreender o que é a vida para compreender o humano. O que sentimos não pode ser desconsiderado, o sentir é alicerce para o saber e o pensar. É importante que o projeto educativo integre o local e a dimensão afetiva/emocional, por forma a possibilitar e valorizar sentir o que está à nossa volta, permitindo estabelecer um diálogo com a vida, com as questões do nosso tempo. Neste cenário de atuação, é importante preparar uma atmosfera favorável a esse diálogo, à discussão dos temas/preocupações do nosso tempo. Contudo, como interroga Arendt (2029, pp. 334-335), que disponibilidade temos para acreditar no diálogo:

A questão é: em que medida acreditamos no diálogo? Se lermos os primeiros diálogos platónicos, cada diálogo é expressão poética de um problema, mas nenhum apresenta uma conclusão. Os argumentos andam sempre em círculos e no fim estamos onde começámos. Então Sócrates diz muito alegremente: ‘Começemos tudo do início’ – não querendo com isso dizer que agora iria encontrar uma solução. Aquilo em que Sócrates aparentemente acreditava – não estou certa de que Platão acreditasse nisso – era que falar de justiça torna um homem mais justo. E ao falarmos de coragem – mesmo que não encontremos nenhuma boa definição do que a coragem possa ser – podemos inspirar os homens num dado momento a serem corajosos. Por isso, criamos uma atmosfera na qual podemos ter a hipótese de, pelo menos, identificarmos os problemas e compreendê-los à medida que nos surgem.

Neste momento vivemos muitas contradições, como julgo ser do conhecimento de muitos professores, ora nos manifestamos cegamente crentes na ciência, ora absolutamente desconfiados, imersos num turbilhão de sentimentos que tanto nos confortam como confundem, alienando qualquer formato de disponibilidade para acreditar no diálogo. Esta percepção faz-me pensar a sentir que há uma ínfima disponibilidade para escutar o outro, mesmo estando nós constantemente a ser inundados com discursos em torno da importância da escuta sensível para construir a alteridade, para o desenvolvimento de uma cultura de paz, da boa convivalidade, o que, para o conseguir, constitui um desafio muito complexo para os

professores. É um desafio que precisa realmente de ser trabalhado, por forma a facilitar estabelecer contacto com os estudantes e fazê-los compreender que os temas do nosso tempo, do nosso país e da nossa rua são importantes. Pois, a forma como compreendemos o que está à nossa volta, o mundo, está muito relacionado com as formas como interagimos com ele (Chomsky & Waterstone, 2021). Para dar conta daquele desafio, é relevante um envolvimento crítico autónomo com aqueles temas, enquanto condição essencial do desenvolvimento do pensamento e da criatividade, para o que é muito útil saber promover a conversa, afirmar a liberdade de expressão e promover o exercício dos direitos humanos como máximas de cidadania democrática.

Com base neste entendimento, parece-me urgente que o currículo alcance um compromisso com a realidade *glocal* em que nos movimentamos, para poder contribuir para uma efetiva transformação da vida das pessoas, de maneira a que estas possam transformar as comunidades em que estão inseridas. Neste âmbito, parece-me essencial compreender o que pensamos saber sobre o mundo, tal como destacam Chomsky e Waterstone (2021, p.10), “como sabemos o que pensamos saber sobre o mundo? (...) Analisar as maneiras como as pessoas compreendem o funcionamento do mundo”. Esta é uma dimensão principal, em particular, se entendermos que participar na cidadania global criativa requer que se trabalhem as formas como nos preparamos para propor soluções que possam responder aos problemas que hoje as sociedades enfrentam, para o que é importante compreender o mundo que nos rodeia, explorá-lo de forma compreensiva. Para o tornar possível, entendo necessário questionarmo-nos sobre quais as formas para melhor nos prepararmos para o conseguir? Qual a consciência que temos do mundo e do papel que nele temos? Quais as condições e oportunidades que cada pessoa tem para participar no mundo, do local ao global? Qual o papel dos amigos na construção do conhecimento do mundo, do que nos rodeia?

Estas questões, e muitas outras que surjam a cada leitor, consubstanciam-se na interseção do pensar com o agir, mesmo que, concordando com Arendt (2019), pensar e agir sejam coisas diferentes, embora com opinião de que o pensamento acabe a ter influência na ação, em particular, se pensar e agir estiverem a cargo dos próprios, na verdade não há uma unidade, são coisas diferentes que requerem que nos abeiremos delas também de formas diferentes. No entanto, pensar e agir assumem lugar e tempo essenciais no desenvolvimento da cidadania global criativa, sendo esta entendida hoje com poder quase mágico para mudar o mundo para melhor. Talvez uma perplexidade, que desejo que seja sem falha de emoção e sensibilidade, fazendo com que a viagem pelo tempo e lugares para uma efetiva educação para a cidadania global criativa se tornasse a mensagem de si própria, capaz de envolver criticamente todas as pessoas e cada uma, sem esquecer que o mundo e as comunidades são grandes pela sua força cultural.

## Referências

- Arendt, H. (2019). *Pensar sem corrimão*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Damásio, A. (2020). *Sentir & saber. A caminho da consciência*. Lisboa: Círculo de leitores.
- Carr, P. R., Thésée, G., & Bailón, R. O. F. (2019). La fragilidad de la democracia: existe algún lugar para la alfabetización democrática y el involucramiento en la educación? *Justicia y Educación*. Latin American Studies, African American and Latina/o Sociology of Education. Disponível em [https://www.academia.edu/45107281/La\\_fragilidad\\_de\\_la\\_democracia\\_Existencia\\_algun\\_lugar\\_para\\_la\\_alfabetizacion\\_democratica\\_y\\_el\\_involucramiento\\_en\\_la\\_educacion](https://www.academia.edu/45107281/La_fragilidad_de_la_democracia_Existencia_algun_lugar_para_la_alfabetizacion_democratica_y_el_involucramiento_en_la_educacion)
- Chomsky, N., & Waterstone, M. (2021). *As consequências do capitalismo. Produção de descontentamento e resistência*. Lisboa: Editorial Presença.
- Comissão Europeia/EACEA/Eurydice (2017). *A Educação para a Cidadania nas Escolas da Europa – 2017*. Relatório Eurydice. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia. Disponível em <https://op.europa.eu/pt/publication-detail/-/publication/6b50c5b0-d651-11e7-a506-01aa75ed71a1>
- Costa, J. (2019). Melhores aprendizagens e sucesso escolar. Medidas de política educativa em curso. In J. C. Morgado, I. C. Viana & J. A. Pacheco, *Currículo, Inovação e Flexibilização* (pp. 13-24). Santo Tirso: De facto editores.
- Hargreaves, I., & Hartley, J. (Eds.) (2016). *The creative citizen unbound: How social media and DIY culture contribute to democracy, communities and the creative economy*. Bristol, UK; Chicago, IL, USA: Bristol University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctt1t89gk8>
- Glăveanu, V. (2020). Creativity and Global Citizenship. In A. Akkari & K. Maleq (eds). *Global Citizenship Education* (pp.191-202). Springer, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-44617-8\\_14](https://doi.org/10.1007/978-3-030-44617-8_14)
- GTEC (2017). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. Lisboa: Grupo de Trabalho de Educação para a Cidadania (GTEC). Secretaria de Estado para a Cidadania e a Igualdade/Secretaria de Estado da Educação. Disponível em <http://bit.ly/2JenC2a>
- McNiff, J. (2008). Action research, transformational influences: pasts, presents and futures. Disponível em <https://www.jeanmcniff.com/items.asp?id=11>
- Nóvoa, A. (comunicação pessoal, 14 de julho de 2021). Pré-Congresso Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva, *online*, discutiu a Educação Inclusiva.

- Opertti, R. (2021). *Ten Clues for Rethinking Curriculum*. IBE: UNESCO International Bureau of Education. Retrieved from <http://inprogressreflections.ibe-unesco.org/ten-clues-for-rethinking-curriculum/>
- Tronsmo, E., & Nerland, M. (2018). Local curriculum development as object construction: a sociomaterial analysis. *Teaching and Teacher Education*, vol. 72, may, 33-43. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2018.02.008>
- UNESCO (2020). *Education in a post-COVID world: nine ideas for public action*. Retrieved from <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373717/>
- UNESCO (2019). *Guidelines on the development of open educational resources policies*. Retrieved from <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373558>
- UNESCO (2017). *Education for sustainable development goals. Learning objectives*. Retrieved from [https://www.unesco.de/sites/default/files/2018-08/unesco\\_education\\_for\\_sustainable\\_development\\_goals.pdf](https://www.unesco.de/sites/default/files/2018-08/unesco_education_for_sustainable_development_goals.pdf)
- Viana, I. C. (2018). Currículo e Espaços não Escolares – educar para a sustentabilidade social, um constructo education city. In M. A. S. Aguiar; A. F. B. Moreira & J. A. Pacheco (orgs.). *Currículo, entre o comum e o singular* (pp.192-205). Brasil: ANPAE. [ISBN 85-87987-09-7]. [file:///C:/Users/isabel%20c%20viana/Downloads/Curr%C3%ADculo%20-%20entre%20%20comum%20e%20o%20singular%20\(E-Book\).pdf](file:///C:/Users/isabel%20c%20viana/Downloads/Curr%C3%ADculo%20-%20entre%20%20comum%20e%20o%20singular%20(E-Book).pdf)
- Viana, I. C. (2015). Currículo, Transições e Territórios – a educação das cidades inteligentes para a sustentabilidade social. In J. C. Morgado; G. M. L. Mendes; A. F. Moreira & J. A. Pacheco (Orgs.). *Currículo, Internacionalização e Cosmopolitismo: Desafios Contemporâneos em Contexto LusoAfroBrasileiro* (pp.143-158). Santo Tirso: De facto Editores.
- Viana, I. C. (2015a). Cidade Educação Inteligente no Projeto Educativo Local. In *ELO 22, Revista do Centro de Formação Francisco da Holanda*, Julho, Guimarães, ISBN 972-96465,111-124.
- Viana, I. C., Machado, R. J., & Serrano, A. M. (2015). Mapping the city – opportunities for curriculum in urban educational contexts. In C. Leite. A. Mouraz & P. Fernandes (Orgs.). *Ebook Curriculum Studies: Policies, Perspectives and Practices* (pp. 467-476). Edition: CIIE Centro.

### **Legislação**

Decreto-Lei n.º 55/2018 – estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens. Disponível em <https://dre.pt/home/-/dre/115652962/details/maximized>

## CREATIVE CITIZENSHIP, PEOPLE, CURRICULUM: INTERSECTIONS WITH PLACES + EDUCATION

### ABSTRACT

The recognition of education and creative global citizenship as a transformative learning process in a globalized world, with a focus on the local, the country and the world, fulfills the ideology of public policy in several countries. It integrates an emancipatory vision of intercultural dialogue at the scale of the person and the group/collective and affirms the condition of cultural diversity as a public good and a fundamental human right. It brings an interpretation of human cities as people's places, where intercultural dialogue is thought about and debated in order to build solutions that can respond to challenges of global importance, substantiated in a sensitive listening. Therefore, by the ability to listen sensitively to people's concerns, where we know that concerns such as violence and conflict, discrimination and inequality are evident, we develop interest in restoring trust, releasing fear and contributing to the construction of a culture of Peace. In this article, based on the lived experience, which organizes an educational experience based on the principles of participatory research-action, particular attention will be given to sustainable and inclusive communities, understood as places +education that value people, where the senses are active, with synergy in creative global citizenship. It is a reflection that arises with the purpose of involving readers and promoting the development of creative and concrete solutions to issues of global importance, strongly substantiated by the appreciation of the local curriculum. Guided by transversality, designed in co-creation and explored by praxeological curiosity, critical thinking, based on urban themes, themes of places, connected with the environment, with the people and cultures that link them.

**Keywords:** Creative Global Citizenship; Human Cities/Territories; Intercultural Dialogue; Local Curriculum; Participatory Action Research.